

## 5.4 O outro lado do adolescente em conflito com a lei

**Alda Cristina Duarte**

*Assistente social, Psicóloga, Terapeuta Familiar. Mestre em Psicologia Clínica – PUC/SP.  
Assistente social judicial na Vara da Infância e da Juventude, Tribunal de Justiça de Minas Gerais*

### INTRODUÇÃO

O presente estudo contempla a capacidade de resistência do sistema familiar de um adolescente em conflito com a lei. Utilizamos o conteúdo de uma entrevista realizada por uma assistente social judicial da Sessão de Atendimento ao Adolescente em Situação Especial (SAASE) da Vara da Infância e Juventude de Belo Horizonte. Essa entrevista nos envolveu e nos levou a refletir questões fundamentais no trato com o adolescente e sua família, quais sejam:

O que tem a nos dizer o adolescente e sua mãe a respeito dos atos praticados?

Como ir além das aparências?

Como ajudar o sistema familiar a superar este momento de crise?

### DESENVOLVIMENTO

O jovem acompanhado de sua mãe compareceu à entrevista na SAASE vindo do Centro de Internação provisório (CEIP). Estava abatido e doente. Perguntamos se poderíamos marcar um próximo encontro, ele responde fazendo um gesto com a mão, que não, porque não tem dinheiro para retornar à SAASE. Ele relata que no CEIP durante o almoço quando “fungava”, seus companheiros juntavam e lhe aplicavam cocadas na cabeça.

A família do jovem é constituída por oito pessoas, sendo a avó, a mãe, o jovem e mais cinco irmãos por parte de pai. Os pais são separados. O pai do jovem é motorista, tem outra família e não paga pensão alimentícia. A mãe não exige seus direitos e o filho demonstrou ressentir-se desse fato. Ela é evangélica, não trabalha e limita sua vida entre a Igreja e sua casa. A família sobrevive com o dinheiro da avó e bolsa-família para um dos filhos.

O adolescente tem um filho que foi encaminhado para a adoção e se comove ao falar dele. Percebendo seu incômodo, dissemos a ele para ficar tranquilo porque as técnicas que cuidam de adoção são profissionais que se preocupam em colocar

as crianças em famílias cuidadoras, e assim o filho dele poderá ter oportunidade de estudar e trabalhar. Ele responde: “tomara que sim”.

Em relação ao ato assume que tem-se envolvido em brigas, foi espancado e necessitou hospitalizar-se. Faz uso de drogas há cinco anos, reconhece que é dependente químico e pede ajuda para iniciar um tratamento.

O adolescente hoje com 17 anos parou de estudar na 7ª Série, porém manifestou desejo de retornar aos estudos, ao terminar sua fala pedimos a ele para ler às determinações judiciais que junto ao cumprimento da medida socioeducativa de PSC incluía o retorno à escola, após a leitura sua mãe comenta:

– “Meu filho é tão inteligente, ele tem condições de estudar”. O jovem se afasta um pouco e retira da sacola dois quadinhos que produziu na oficina do CEIP onde esteve internado.

Entregou o quadrinho a sua mãe, leu a mensagem escrita para ela e guardou o outro quadro para oferecer a sua avó.

### PARECER

Nos autos constam que o jovem agrediu um outro com facadas, roubou e no momento é dependente químico. No entanto, para além das aparências, percebemos a presença de uma outra realidade que não é falada, não é sentida, mas nem por isto deixa de ser vivida.

Assim através de uma entrevista com o objetivo de conhecer e compreender o jovem e sua família participamos daquele momento da intimidade de um sistema familiar. Vimos então um adolescente que chora ao lembrar de seu filho, que foi adotado, que, mesmo agredido pelos colegas, dirige-se à oficina de artesanato e produz um presente para sua mãe e outro para sua avó.

Percebemos uma mãe que vê seu filho espancado, ameaçado de morte, dependente químico, e igualmente tolhida no

exercício dos seus direitos de cidadania como saúde, estudo, trabalho. No entanto, essa mãe cuida, acompanha o filho e lhe faz sentir que ele tem um lugar para retornar, uma mãe que com forças para resistir a uma realidade dura e para se posicionar na contramão dos preconceitos e dizer:

– “Meu filho é tão inteligente”.

Assim temos por um lado um sistema familiar oprimido e atravessado por crises intrafamiliares e crises externas oriundas do contexto social. Estas são identificadas como a precária situação econômica, falta de trabalho, educação, falta de equipamentos sociais necessários à sobrevivência e a socialização das famílias. Aquelas são reconhecidas como: separação não resolvida, abandono do pai, regras rígidas, dificultando a busca de alternativas, desemprego, dependência de drogas e violência.

Esse sistema familiar encontra forças para dar a mão a um filho que no momento desafia as normas, as regras e frustra a sua expectativa. E o adolescente, o mesmo que espanca ou que se apossa de uma arma para oprimir, cobra a presença do pai que o abandonou e chora por um filho que não sabe onde está.

Assim temos em um mesmo sistema familiar duas forças que se opõem; uma que se reprime e sofre e outra que solidariza, sustenta e apoia.

Prosseguindo em nossa reflexão vamos enfatizar a capacidade do sistema familiar de resistir às situações adversas, é o que a autora Walsh nomeia como resiliência.

“A resiliência familiar tende a fomentar certos processos fundamentais que permitem as famílias fazer frente com mais eficácia as crises ou estados persistentes de estresse, sejam internos ou externos a família, e emergir fortalecidos deles. Ao consolidar a resiliência familiar, fortalecemos a família como uma unidade funcional e possibilitamos essa capacidade em todos seus membros”. (Walsh, 1988, p. 13).

Nessa mesma forma de olhar a família, citamos aqui Minuchin (1995), que chama atenção para a canção que precisa ser cantada em nossa cultura: a canção do ritmo, dos relacionamentos, das pessoas enriquecendo-se e expandindo-se mutuamente. Para ele, as brigas e discussões são barulhentas e nos impedem de sentir as silenciosas conexões que tornam a família uma unidade.

Assim, embalados ainda pela emoção desse encontro, fa-

zemos uma conexão entre nossa prática e teoria. Tomamos como nosso o pensamento de uma terapeuta familiar Edith Tilmans: “por trás de todo agressor há uma criança agredida”

O adolescente tem sim uma responsabilidade pelo seu ato, no entanto, ele é parte de um sistema familiar e social atravessado por uma violência muda gerada por uma desigualdade econômica, educacional, política e cultural.

Nesse sentido a política pública necessita realizar um movimento circular e conferir visibilidade aos padrões de interação que conectam o indivíduo, o sistema familiar e o contexto social, onde o ato se realiza ou o drama acontece. Isso quer dizer que se faz necessário enfatizar o sistema familiar e social e abrir espaços para que o adolescente e sua família possam se manifestar e nos indicar como ajudá-los a resolver os seus problemas e como fortalecê-los.

O depoimento dessa família nos sugere que a violência, o ódio, a agressão, assim como o amor, o carinho, o afeto que residem entre nós, está na relação, está no sistema familiar. Não tem lugar localizado, não escolhe o sexo, a cor, a classe social e a religião ou a etnia e assim sendo exige uma reflexão dos profissionais no sentido de se perguntar:

Como o trabalho com o adolescente ressoa em cada um de nós?

Como estão nossas crenças e valores?

Até que ponto suportamos um trabalho em rede que nos lembra a todo o momento o quanto temos que aprender com o nosso colega do lado e principalmente com o adolescente e sua família?

Esse gesto de humildade e essa postura ética é igualmente um padrão de interação resiliente que pode constituir instrumentos de construção de nossa competência profissional e de fortalecimento do adolescente em conflito com a lei e sua família.

### Considerações finais

O sistema familiar tem vida própria, ele é maior do que a soma de suas partes. Assim sendo, faz-se necessário dar visibilidade a suas diferentes formas de interação, a suas conexões, a alianças e a vida afetiva presente nesse sistema, de forma a ajudar as famílias a potencializar e expandir sua capacidade de resistir a situações adversas e saírem mais fortalecidas.

### Referências bibliográficas

- WALSH, Froma. *El concepto de resiliencia familiar: crisis y desafío*. Publicado em *Family Process*. Vol. 35, no. 3 setiembre de 1996, p. 261-281. Tradução de Leandro Wollson.
- MINUCHIN, Salvador. *A Cura da família - histórias de esperança e renovação contadas pela Terapia familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- DUARTE Alda Cristina, “O Poder de Recuperação de uma Família Co-dependente do Alcool.” Dissertação Publicada na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Agosto de 2005.